

A próclise envolvendo Malafaia, Alexandre de Moraes e Forças Armadas

Li no jornal *O Dia* a seguinte notícia, a qual me deixou bastante apreensivo: “O pastor Silas Malafaia usou as redes sociais na tarde desta terça-feira para criticar o ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, o classificando como ‘ditador e tirano’, e pedir a intervenção das Forças Armadas no STF” (<https://odia.ig.com.br/brasil/2020/06/5934733-pastor-silas-malafaia-pede-que-forcas-armadas-intervenham-contra-stf.html>, acesso em 16/06/2020). Creio que qualquer leitor com o mínimo de bom senso também ficaria do mesmo jeito, não é verdade?

Minha preocupação, confesso a você, não foi com os personagens envolvidos na notícia; mas com o **uso indevido da próclise** no trecho “o classificando como ‘ditador e tirano’”. Esse tipo de colocação pronominal, conforme se sabe, é caracterizado pelo emprego do pronome oblíquo átono antes do verbo (“o classificando”). Mas será que não há critério para isso? É claro que existe! A rigor, ninguém pode sair por aí propagando o emprego dela sem fundamentação gramatical. Isso, sim, é uma afronta ao estudante de bem e ao concurseiro de plantão deste país. Veja, abaixo, os **casos obrigatórios de próclise**:

a) com palavras de sentido negativo	Nada me fará desistir. Ninguém me fará desistir.
b) com advérbios sem pausa (separados por pontuação)	Aquí se fazem chaves. Talvez se cumprimentassem.
c) com conjunções subordinativas e pronomes relativos	Quando lhe dissemos a verdade, chorou muito. O livro que me deste é muito interessante.
d) com conjunções coordenativas alternativas	Ora se atribulava, ora se aquietava. Das duas uma: ou as faz ela, ou as faço eu.
e) com pronomes e advérbios interrogativos	Quem lhe contou a verdade? Por que te afliges tanto?
f) com pronomes indefinidos	Tudo me foi dado. Alguém te contou a verdade?
g) em frases exclamativas e	Como te atreves!

optativas	<i>Deus o abençoe, meu filho!</i>
h) entre a preposição em e verbo no gerúndio	Em se tratando desse assunto, nada mudará.

Alguns pontos precisam ser ressaltados neste momento:

I. O numeral **ambos**, quando sujeito, também atrai o pronome oblíquo átono.

Ambos se casarão amanhã.

II. É licita a próclise ou a ênclise quando o infinitivo estiver precedido de preposição ou palavra negativa.

*Estou aqui para te **servir** (ou **servir-te**).*

*Meu desejo era não o **incomodar** (ou **incomodá-lo**).*

III. Quando o infinitivo vier precedido pela preposição **a**, a próclise não será possível se o pronome for **o** ou **a**.

*Estamos a **contemplá-la**.*

*Se soubesse, não continuaria a **lê-lo**.*

*Começou a lhe **ensinar** português (ou **ensinar-lhe**).*

No trecho do jornal, a oração “o classificando como ‘ditador e tirano’” está isolada entre duas vírgulas. Legalmente, ou melhor, gramaticalmente, não podemos iniciar uma oração com pronome oblíquo átono. Para corrigir o trecho (ou lhe dar legitimidade à luz dos que prescrevem os doutrinadores da matéria) a oração poderia ser reescrita da seguinte forma: **classificando-o como “ditador e tirano”**. A ênclise, nesse caso, apaziguaria os ânimos de todos nós, não é mesmo?

Analise comigo uma questão de prova envolvendo o assunto. Observe especialmente a última alternativa.

(FCC – 2019 – MPE-MT – Promotor de Justiça Substituto) Estão plenamente adequados o emprego e a colocação pronominal na frase:

- Ainda que não atenham-se aos princípios que regem a cultura nativa, os colonizadores deveriam respeitar-lhes na diferença que lhes constitui.
- Ao ver os nativos, os colonizadores lhes julgam como crianças amorais e supersticiosas, imputando-as uma extrema ingenuidade.
- Diante dos nativos, os colonizadores consideram-nos incapazes de constituir uma cultura equivalente àquela dos europeus.

- d) A cultura europeia, de cuja os colonizadores tanto se orgulham, tem pouco a ver com a dos nativos, que também lhes vangloriam.
- e) Se afastando dos valores de uma cultura, acaba-se por desconsiderá-la a importância que ela deve ter a partir de si mesma.

Alternativa A: errada. O primeiro erro tem a ver com a posição do pronome oblíquo "se". Por causa do advérbio "não", esse pronome obrigatoriamente deve figurar em posição proclítica. A ênclise, nesse caso, é proibida. O segundo erro tem a ver com o emprego do primeiro "lhes" retomando o termo "princípio", pois esse pronome oblíquo não pode funcionar como objeto direto (*quem respeita respeita algo ou alguém*). O terceiro erro está relacionado com o emprego do segundo "lhes", pelo mesmo motivo exposto anteriormente (o verbo "constitui" é transitivo direto). Eis a correção da frase: *Ainda que não **se** atenham aos princípios que regem a cultura nativa, os colonizadores deveriam respeitá-**los** na diferença que **os** constitui.*

Alternativa B: errada. O pronome oblíquo "lhes" não pode funcionar como objeto direto do verbo "julgam". Essa função sintática é proibida a ele e adequada, por exemplo, aos pronome oblíquos **o(s)** e **a(s)**. Já o pronome "as" (feminino), em "imputando-as", não guarda relação com "nativos" (masculino), termo que deveria retomar. Além disso, o pronome "as" não pode funcionar como objeto indireto do verbo "imputando" (*imputar algo **a** alguém*), função adequada ao pronome **lhe**. Veja a correção: *Ao ver os nativos, os colonizadores **os** julgam como crianças amorais e supersticiosas, imputando-**lhes** uma extrema ingenuidade.*

Alternativa C: certa. Lembre-se de que os pronome oblíquos **o(s)** e **a(s)** assumem as formas **no(s)** e **na(s)** diante de verbos terminados em **som nasal**: *consideram + os = consideram-**nos**; viram + a = viram-**na**; repõe + os = repõe-**nos***. Também é interessante observar o acento grave indicativo de crase em "àquela". Isso ocorre por causa da regência do adjetivo "equivalente", que exige preposição **a**, e do "a" inicial do pronome demonstrativo. Os dois elementos se fundem e dão origem ao fenômeno conhecido como crase.

Alternativa D: errada. O pronome relativo só pode ser empregado quando estabelecer sentido de posse entre o termo antecedente e o termo conseqüente, os quais devem ser substantivos. Além disso, esse pronome relativo não admite a presença de artigo depois dele ("cuja os"). O último problema tem a ver com o

emprego do pronome oblíquo “lhes” para complementar o sentido do verbo “vangloriam”. Esse verbo precisa do pronome se para expressar um sentido reflexivo: “se vangloriam”. A ideia é que os nativos se vangloriam da sua própria cultura, a exemplo dos colonizadores em relação à cultura europeia. Veja a frase corrigida: *A cultura europeia, **da qual** os colonizadores tanto se orgulham, tem pouco a ver com a [cultura] dos nativos, que também **se** vangloriam.*

Alternativa E: errada. Está em desacordo com a gramática normativa o emprego de pronome oblíquo átono no início de oração (“Se afastando...”). Não faz sentido o emprego do pronome oblíquo “a” (que passou a “la”) em “desconsiderá-la”, pois afeta a coesão textual entre os elementos do período e o próprio sentido da frase. Veja a correção: ***Afastando-se** dos valores de uma cultura, acaba-se por **desconsiderar** a importância que ela deve ter a partir de si mesma.*

Gabarito – C.

Professor Albert Iglésia (Língua Portuguesa – junho/20)